

essas pessoas? Eles garantem que as bruxas não existem e que os depoimentos a respeito de feitiços e premonição são pura invencionice, mas todo mundo na aldeia sabe que a mulher do quitandeiro sonhou com a morte do pai na noite exata em que ele morreu, e que os cavalos empacam assustados no lugar onde duas bruxas foram sepultadas em terreno profano. Esse tipo de ceticismo demonstra na realidade, uma incapacidade para o sentimento religioso. Os que o professam seriam capazes de dizer que é superstição a crença na virgindade da mãe de Jesus.

E, naturalmente, é um raciocínio fundamentalmente correto. Mas as provas da existência de demônios e de sabás eram irrefutáveis, e não havia mente dotada de raciocínio lógico e imparcial que as pudesse recusar. Algumas bruxas realmente arruinavam as safras com suas pragas. Havia milhares de velhas capazes de prever o futuro e curar verrugas com suas rezas. O que os inquisidores — aqueles que eram sinceros e religiosos — não conseguiam ver é que isso não era motivo para tanta tortura e fogueira. Não compreendiam que o fogo e os flagelos acabavam aumentando ainda mais o poder do Diabo sobre a imaginação humana.

Deve-se ainda levar em conta o estímulo da tortura e do fogo sobre a imaginação. Faz pouco tempo que o homem é civilizado — alguns milhares de anos apenas. O cristianismo, por seu lado, não exerce muito apelo junto aos fortes e aos dotados de espírito empreendedor. Os comerciantes prósperos e os lavradores simples desejam paz e tranqüilidade para sua rotina, mas o que nasceu para a guerra sonha com a glória vitoriosa na batalha, assim como o que nasceu para o crime sonha com as cidades incendiadas e mulheres violentadas. É significativo o fato de as manifestações realmente violentas da caça às bruxas datarem do fim da Guerra de Cem Anos (1453), como se viesse substituir o período de belicismo. E chegam ao fim nos últimos anos do século XVIII, pouco antes da nova época de guerras e revoluções que de novo tingiriam a Europa de sangue.

A caça às bruxas varreu a Europa numa série de ondas, cada uma seguida de um período de tranqüilidade. Períodos havia em que as perseguições se tornavam tão cruéis que provocavam revoltas espontâneas contra elas. No começo do século XVI a caça atingia um clímax, especialmente na Alemanha, onde pareciam ocorrer suas mais sádicas manifestações. Quando os inquisidores oficiais se mostravam muito tolerantes, eles mesmos corriam o risco de serem queimados como bruxos. Foi o que aconteceu com Dietrich Flade, vice-governador de Treves e reitor da universidade. Exercia sua influência no sentido de reduzir a ação dos caçadores de bruxas, fazendo o possível para conseguir que as bruxas condenadas fossem banidas ao invés de queimadas. Por causa de sua indulgência, passaram a suspeitar que estivesse fazendo o jogo do Diabo, e um caçador de bruxas, chamado Zandt, literalmente “enquadrrou-o”, subornando algumas condenadas para que gritassem o nome de Flade como sendo bruxo. (Em troca do favor, as bruxas denunciadas puderam ser estranguladas antes de serem levadas à fogueira.) Apesar da posição que ocupava,

Flade foi preso e depois estrangulado e queimado. Em Bamberg, em 1628, o vice-reitor George Haan foi também acusado de excessiva indulgência com as bruxas, e foi levado à fogueira junto com a mulher e a filha, apesar de uma ordem do próprio imperador, que exigia sua libertação. No caso de Haan, o fato poderia ser interpretado como justo castigo, pois ele fora um dos acusadores do burgomestre Johannes Junius, cuja última carta à filha, antes de ser executado, constitui um dos documentos mais comoventes de toda a história da caça às bruxas:

E depois também veio — que do Alto lhe venha o perdão — o algoz, colocando-me os parafusos nos polegares e me amarrando as duas mãos juntas, de modo que o sangue começou a jorrar pelas unhas e por toda parte. Durante quatro semanas não consegui usar as mãos, como você pode notar por minha caligrafia.

Em seguida me despiram, amarraram-me as mãos para trás e por elas me ergueram bem alto. Foi quando pensei que para mim estava tudo acabado. Oito vezes me suspenderam e me deixaram cair, sendo terrível minha agonia. Falei com o Dr. Braun:

— Deus o perdoe por abusar de um inocente.

— Você é um patife! — foi a resposta.

Agora, filha querida, você sabe de todos os meus atos e confissões, pelas quais acabarei morrendo. E é tudo mentira, é tudo invenção. Valha-me Deus, pois (. . .). Se Deus não permitir que a verdade venha à luz, toda a nossa família será queimada (. . .).

Outros cidadãos iminentes foram julgados e executados, e suas propriedades, avaliadas em 220.000 florins, foram para o Bispo-príncipe Gottfried Johann von Dornheim. (Seu primo, bispo de Würzburg, queimou noventa e duas bruxas entre 1623 e 1631.) As torturas incluíam o esmagamento com algum objeto pesado, a escada (uma forma de estrapada, que deslocava os braços na altura dos ombros), imersão em água fervente (que matou seis pessoas em 1630), ingestão forçada de arenques cozidos com muito sal (seguida da proibição de beber água), agulhas enfiadas inteiras por baixo das unhas e — talvez a tortura mais eficiente para arrancar confissões — a proibição do sono durante dias ou semanas. Na parte das punições, cortavam-se mãos e arrancavam-se os seios das mulheres com alicates incandescentes. Por fim, o próprio Imperador Ferdinando se viu forçado a intervir, ordenando que os julgamentos fossem públicos e impedindo o confisco de propriedades. O bispo morreu em 1632; seu primo morrera no ano anterior. Muitas dessas ondas de sadismo só acabavam quando o principal instigador chegava à morte natural.

Os príncipes-bispos de Würzburg e de Bamberg eram sádicos cruéis. Outros famosos caçadores de bruxas eram canalhas insensíveis. Na Inglaterra, a figura mais abjeta era Mathew Hopkins, “general da caça às bruxas”. Dizia possuir a “lista do Diabo, com os nomes de todas as bruxas da Inglaterra do